

# **Dialética Binária de Diego de los Campos: o paradoxo e a ironia do ser contemporâneo.**

Anna Karoline de Moraes Silva

## ***Binary Dialectics of Diego de los Campos: the paradox and the irony of the contemporary being.***

### **Resumo:**

*O presente artigo versa sobre os trabalhos da exposição Dialética Binária do artista uruguaio radicado no Brasil, Diego de los Campos (1971). A exposição contou com cinco esculturas cinéticas feitas em madeira, papelão, motores e programação, indicando uma linha tênue entre o artesanal e o tecnológico. As máscaras simulavam argumentação entre si, com corpos manobrados por estruturas manipulantes, apreendendo a lógica binária das máquinas e o conceito de dialética, articulando concepções da sociedade e do homem contemporâneo.*

**Palavras chave:** *escultura cinética, contemporâneo, paradoxo, ironia.*

### **Abstract:**

*This article deals with the work of the exhibition Dialética Binary of the Uruguayan artist residing in Brazil, Diego de los Campos (1971). The exhibition featured five kinetic sculptures made of wood, cardboard, motors and programming, indicating a fine line between artisanal and technological. Masks simulated argumentation among themselves, with bodies maneuvered by manipulative structures, apprehending the binary logic of machines and the concept of dialectics, articulating conceptions of society and contemporary man.*

**Key words:** *kinetic sculpture, contemporary, paradox, irony.*

### **Introdução**

Ao se aproximar da sala expositiva, o espectador podia escutar ruídos sutis de pequenos motores. Ao adentrar a sala comprida e iluminada, três paredes estavam tomadas por pares de objetos fixados na altura dos olhos. De um lado, dois cubos vazados feitos em madeira com bonecos articulados em seu interior, manipulados por uma vareta e uma linha acionadas por um motor (Figura 1), cada um com um ritmo próprio de se movimentar. Na frente deste par, outros dois bonecos, que, diferente dos primeiros, não estão presos em caixas: um se encontrava preso a um motor rotacional situado na cintura do boneco (Figura 2), e o outro, manipulado também por uma vareta e uma linha (Figura 3) performava em um pequeno palco movimentos controlados por um motor programado no sistema de programação Arduino. Ao fundo da sala, outro par de objetos, então composto por máscaras (Figura 4) que se movimentavam e simulavam uma conversa, cada uma no seu ritmo, travando movimentos singulares de uma longa discussão.

A reflexão a que este texto se dedica parte da exposição *Dialética Binária* do artista uruguaio radicado no Brasil, Diego de los Campos (1971), exposta entre 22 de fevereiro e 21 de abril de 2018 no Museu Victor Meirelles em Florianópolis/SC, Brasil. Diego é artista visual, formado em 1997 na Faculdade de Artes da Universidade da República, Uruguai. Residente no Brasil desde 1999, expõe regularmente e participa de exposições de arte contemporânea com trabalhos em vídeo, desenho e arte sonora. Todos os trabalhos da exposição jogam com a linha tênue entre o artesanal e o tecnológico e assumem, por parte do artista, questões referentes às leituras de Sócrates e Hegel. Destas referências, Diego de los Campos utiliza como título o termo *Dialética Binária*, articulando a ironia e o paradoxo, conduzindo à reflexão sobre o contemporâneo. Se em Hegel a dialética pode ser entendida como um sistema de compreensão da realidade, ultrapassando um mero sistema argumentativo,

em Sócrates ela assume duas etapas, a ironia e a maiêutica, a fim de confundir o conhecimento dogmático para buscar verdades universais (De los Campos, 2017).

Partindo da postulação de que as esculturas tratam de questões do contemporâneo, este texto aborda as obras do artista e os conceitos por ele utilizados, travando um diálogo com o conceito de “biopolítica” proposto por Michel Foucault, o conceito de *homo sacer* retomado por Agamben, e a linguagem analógica e digital proposta por Deleuze, autores que se propõem a desvendar e articular a sociedade e o ser contemporâneo: concepções que estão presentes no paradoxo e na ironia das obras de Diego de los Campos.

### obra3

**Figura 1.** Diego de los Campos. Esculturas cinéticas em madeira. 50x40x22cm (cada). 2017. Fonte: do artista

#### **1. Sobre ser contemporâneo: apreendendo questões do próprio tempo.**

O termo *Dialética Binária* é irônico e paradoxal. Do título dado à exposição por parte do artista e aos entendimentos a que ela se desdobra, apreende-se que essa exposição tratava de questões do contemporâneo, e ainda, do homem/Ser contemporâneo. Como bonecos articulados manipulados por motor remetem ao entendimento do Ser contemporâneo? Que Ser é este?

No ensaio “*O que é o contemporâneo?*”, Giorgio Agamben (2009) se faz essa pergunta seguida de “de quem e do que somos contemporâneos?” Entender o contemporâneo é antes de tudo entender relações com o próprio tempo. Para o autor, o contemporâneo é o intempestivo, termo, segundo ele, atribuído a Nietzsche, já que o intempestivo entende como inconveniente aquilo que sua época justamente se orgulha. O contemporâneo adere-se ao próprio tempo e dele toma distâncias. O contemporâneo enxerga a escuridão e as trevas advindas das luzes do seu tempo e ao mesmo tempo percebe no escuro do presente a luz que não chega até nós. E como os trabalhos de Diego de los Campos permitem compreender questões do contemporâneo? Ou ainda, como estas obras colocam o artista como contemporâneo ao seu tempo?

### \_MG\_0285

**Figura 2.** Diego de los Campos. Escultura cinética em papelão e motor. 30x20x15cm. 2017. Fonte: do artista.

Diego apresenta corpos articulados e manipulados por estruturas operadas por sistemas tecnológicos e fatura artesanal. Ao fundo da sala expositiva, duas cabeças em um pequeno palco permanecem em um diálogo sem fim, aparentemente analisando, julgando ou discutindo o destino daqueles corpos semiaprisionados. Talvez, para iniciar a reflexão sobre o Ser contemporâneo, convenha analisar as formas que as sociedades atuais se configuram. Como enxergar as luzes da escuridão deste tempo que vivemos?

#### **1. Engrenagens tecnológicas a serviço do poder, a biopolítica.**

#### **2.**

Retomando à exposição de Diego de los Campos, neste artigo será atribuída às estruturas que manipulam os bonecos articulados e as cabeças que discutem no pequeno palco a condição de estruturas de poder da sociedade contemporânea. Isto porque ambas remetem ao entendimento de Michel Foucault sobre biopolítica (Foucault, 2003). Este termo foi repensado por Foucault na década de 1970, trazendo à discussão política da contemporaneidade o problema dos biopoderes: como a transformação da vida humana se reduz à sua condição de vida biológica em seu estado mais puro, como forma de objeto de poder.

### \_MG\_0308

**Figura 3.** Diego de los Campos. Escultura cinética em madeira. 50x40x30cm. 2017. Fonte: do artista.

O poder soberano, ou do Estado, no ocidente durante muito tempo se caracterizou como um poder de vida ou morte: que causava a morte ou que deixava viver, por meio de confisco, extorsão de bens ou trabalho. Foucault escreve que na modernidade ocorre uma mutação nos mecanismos de poder, e se iniciam práticas de incitação, de reforço, de controle, vigilância e organização de força. O poder agora não tem como objetivo simplesmente matar, mas investir contra a vida de indivíduos ou de populações; se dá início à era do biopoder. As cabeças que se encontram em um diálogo sem fim na exposição de Diego de los Campos operam como este soberano que não mais decide por matar ou deixar viver, mas assume a posição do controle e da vigilância destes corpos. Da mesma forma, os motores e estruturas que permitem que os corpos se movimentem dentro do espaço que lhes foi designado controlam o corpo biopolítico, uma vez que, segundo Foucault “*foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica, a medicina é uma estratégia biopolítica.*” (Foucault, 1989: 82)

20180222-4616

**Figura 4.** Diego de los Campos. Escultura cinética em papelão. 50x60x40cm. 2017. Fonte: do artista.

Biopolítica é “*a assunção da vida pelo poder: [...] uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico*” (Foucault, 1999: 288). O controle sobre esses corpos articulados faz com que eles não se movimentem com toda amplitude que conseguiriam, da mesma forma que sem os motores eles não estariam em movimento. O corpo e a estrutura manipuladora atuam juntas para movimentar os bonecos, ainda que seus movimentos sejam deprimentes. Os motores controlados por programação fazem com que os bonecos nunca fiquem em uma postura totalmente ereta, digna, ou mesmo em pé por muito tempo. Os bonecos são arrastados, ora jogados no palco em que estão aprisionados, ora girando em um motor instalado diretamente em seus corpos. Se por um lado eles aparentam encenar uma peça ou situação dramática, causando riso para alguns espectadores, por outra eles remetem a um entendimento cruel da realidade. Se as cabeças e os motores atuam como o poder soberano, como nomear os corpos articulados?

Agamben (2004) escreve que Foucault acerta ao afirmar que a inclusão da vida natural nos cálculos do poder estatal é um evento decisivo na modernidade ocidental, mas que isto se trata de um processo histórico e que a biopolítica seria uma reflexão para a compreensão da atualidade política moderna e contemporânea (Agamben, 2004:16), apresentando o termo *homo sacer*.

**1. Entre o sagrado e o condenado: *Homo Sacer* somos nós.**

**2.**

Giorgio Agamben (2010), ao construir sua tese sobre o funcionamento da política no mundo contemporâneo, determina o ponto central do entendimento com a figura do *homo sacer*, que representa a vida indigna de ser vivida, a linha tênue entre a vida que cessa de ser politicamente relevante para o Estado e que ao mesmo tempo não pode ser eliminada. *Homo sacer* é uma expressão latina que significa “homem sagrado”, ou “homem a ser julgado pelos deuses”, aquele que cometia um delito, tornando-se uma ameaça ao próprio Estado, e este, não tendo poder de julgá-lo, abandonava-o à vontade ou vingança dos deuses.

Agamben se pergunta se “[...] existem vidas humanas que perdem a tal ponto a qualidade de bem jurídico, que a sua continuidade, tanto para o portador da vida como para a sociedade, perdeu permanentemente todo o valor?” (Agamben, 2010: 133). Ele mesmo responde que toda a sociedade fixa este limite: toda sociedade decide quais sejam seu *homo sacer*. Não está confinado a um lugar particular ou em uma categoria definida, mas habita o corpo biológico de cada ser vivente (Agamben, 2010:135).

Isto tem relação com o poder do soberano quando atua sobre o estado de exceção e que, ao mesmo tempo, se exclui dele, já que é quem pode decretá-lo. Se o poder soberano permanece em uma posição de indiscernibilidade, como definir quem são os *homo sacer*?

Estas vidas são representadas pelos bonecos articulados e manipulados da exposição de Diego de los Campos, e eles não representam casos isolados de indivíduos, mas uma realidade que contempla cada indivíduo. Estes corpos servem a um sistema maior, manipulado pelo poder soberano, capaz de decidir sobre o estado de exceção. Todos nos encontramos na posição de *homo sacer* diante da exceção do poder soberano. Totalitarismos e democracias não apresentam mais distinções: vivemos, como afirma Walter Benjamin, em um permanente estado de exceção (Benjamin, 1987: 225), e somos todos *homo sacer*, manipulados pelo sistema e o poder soberano e, paradoxalmente, incapazes de permanecer em pé sem estas estruturas. Ainda que nos encontremos em movimento, é um movimento programado, manipulado e pré-definido pelo sistema.

## 1. O digital e analógico: a linguagem binária e a fatura artesanal.

### 2.

Se o paradoxo do ser contemporâneo é ser o *homo sacer*, é estar em movimento pela estrutura do poder soberano que manipula e que sem ela não haveria movimento algum, onde reside a ironia nisso tudo? Retomemos ao título da exposição: *Dialética Binária* é um paradoxo e uma ironia. Dentro da própria dialética, reside a ironia que confunde o conhecimento dogmático, enquanto que o paradoxo reside no fato de que não existe argumentação sem dois posicionamentos distintos.

Se entendermos o binário não só como síntese dos opostos mas como a linguagem do sistema digital das máquinas, convém retomar a fatura do trabalho do artista e analisá-la como questões do analógico e do digital. Tendo em mãos material e conhecimento para produzir apenas por sistemas computacionais, por que o artista insiste na fatura artesanal?

Em “Diagrama. El concepto de Pintura”(2006), Deleuze escreve sobre a linguagem da pintura como uma linguagem analógica, ou ainda, a pintura como a arte analógica por excelência. O analógico assume a fatura manual e remete ao entendimento do sinal analógico que é representado por uma onda contínua que varia em função do tempo: a amplitude da curva temporal entendida como o gesto manual. Enquanto isso, a tecnologia digital converte o sinal em um formato binário, no qual os dados são convertidos em uma série de zeros e uns.

Se a tecnologia incorpora o sistema digital por sua qualidade na transmissão e recepção dos sinais, aos poucos deixamos de ser analógicos, de apresentar ruídos, de incorporar o erro e de admitir a rasura. Insistir na condição manual e artesanal, na fatura à mão, sem nunca chegar à qualidade do tecnológico, assume cada singularidade do processo. Talvez seja isto uma forma de resistir à condição binária. A ironia reside no fato de que, trabalhando para a excelência do ser “humano”, desenvolvendo cada vez mais tecnologias, acabamos por nos desumanizar. Em vez de usar a tecnologia para um desenvolvimento humano, utilizamos contra seres de nossas próprias espécies, representados pela sociedade atual, o poder soberano e cada indivíduo: para além das experiências de quem sobreviveu a guerra, a vida cotidiana se tornou uma tragédia. Diego de los Campos observa tudo isto como um artista atento e produz em seus trabalhos reflexões sobre esta sociedade.

## Conclusão

Dentre tantas leituras e possibilidades de conceituação, a exposição *Dialética Binária* de Diego de los Campos apresenta complexos entendimentos da sociedade contemporânea. Trazendo questões levantadas na filosofia grega, Diego apresenta uma importante relação com questões do contemporâneo, colocando o artista como este que enxerga as trevas da escuridão do próprio tempo e projeta luzes ao devir, vindas do passado. Ao jogar com o paradoxo e a ironia do título da exposição, Diego apresenta o paradoxo e a ironia do ser contemporâneo com bonecos talhados e modelados manualmente utilizando a tecnologia para colocá-los em movimento e permitir que eles conduzam o espectador a reflexões e argumentações, como a dialética busca a verdade.

É o papel da arte resistir ao digital e assumir a fatura do analógico. É o que propõe a exposição de Diego de los Campos.

## Referências

Agamben, Giorgio. Homo sacer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Agamben, Giorgio. Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

Deleuze, Gilles. Diagrama. El concepto de Pintura. Cactus: Buenos Aires, 2006

De los Campos, Diego. Trecho da fala do artista na abertura da exposição Dialética Binária, Museu Victor Meirelles, Florianópolis, 2017.

Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. O nascimento da medicina social. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, p. 79-98.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.